



DO TRADICIONAL AO ATIVO: O IMPACTO DAS NOVAS METODOLOGIAS NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE ENFERMAGEM

From Traditional To Active: The impact of new methodologies in nursing teaching

Samantha Ferreira da Costa Moreira¹, Larisse Ramos de Oliveira¹, Euvani Oliveira Sobrinho¹, Valéria Silva Peixoto¹, Eliane Cristina Rosa¹.

RESUMO

Introdução: Metodologias ativas têm sido incorporadas à formação em Enfermagem por favorecerem protagonismo discente, competências clínicas e integração teoria-prática. Entre elas, destaca-se o Exame Clínico Objetivo Estruturado (OSCE), reconhecido internacionalmente como método válido para avaliar habilidades em contextos simulados. **Objetivo:** Relatar a experiência de implementação do OSCE na disciplina de Estágio Supervisionado em Enfermagem de uma instituição privada do Sudeste Goiano, discutindo contribuições e desafios. **Métodos:** Relato descritivo realizado com discentes do nono e décimo período. O OSCE ocorreu em ambulatório de simulação realística, organizado em etapas: planejamento (definição de competências, elaboração de estações e checklists, treinamento de avaliadores), configuração (estrutura e materiais), execução (rotação dos estudantes e avaliação em tempo real), feedback formativo e reflexão. As percepções foram obtidas por comentários e respostas em instrumentos institucionais. **Resultados:** O OSCE favoreceu articulação entre teoria e prática, estimulando raciocínio clínico, comunicação terapêutica e tomada de decisão em cenários complexos. Estudantes relataram maior autoconfiança e identificação de lacunas; docentes destacaram potencial para avaliar competências integradas e apontar fragilidades curriculares. Entre os desafios, observaram-se estresse e ansiedade, necessidade de familiarização prévia, ajustes no tempo das estações, clareza dos comandos e aprimoramento da atuação de pacientes simulados. **Conclusão:** O OSCE mostrou-se estratégia eficaz e formativa no estágio supervisionado, aproximando a formação acadêmica das demandas do cuidado em saúde e contribuindo para um perfil profissional crítico, reflexivo e humanizado.

Descritores: Enfermagem; Educação em Enfermagem; Exercício de Simulação; Competência Clínica.

ABSTRACT

Active methodologies have been increasingly incorporated into Nursing education, as they promote student protagonism, the development of clinical competencies, and the integration of theory and practice. Among these strategies, the Objective Structured Clinical Examination (OSCE) stands out, internationally recognized as a valid and reliable method for assessing clinical skills in simulated contexts. To report the experience of implementing the OSCE as an active teaching-learning and assessment methodology in the Supervised Nursing Internship course of a private institution in Southeast Goiás, discussing contributions to the training process and observed challenges. Descriptive experience report conducted with undergraduate Nursing students in the ninth and tenth semesters. The OSCE was carried out in a realistic simulation clinic and organized in stages: planning (definition of competencies, development of clinical stations and standardized checklists, evaluator training), station setup (physical structure and materials), exam execution (student rotation and real-time assessment), formative feedback, and reflection for continuous improvement. Perceptions were obtained through oral comments and discursive responses in institutional evaluation instruments. The OSCE fostered articulation between theoretical knowledge and practical skills, promoting clinical reasoning, therapeutic communication, and decision-making in scenarios that reproduced professional complexity. Students reported increased self-confidence and identification of individual gaps; faculty highlighted the exam's potential to assess competencies in an integrated manner and to reveal curricular weaknesses. Challenges included stress and anxiety, need for greater prior familiarization with the format, adjustments in station timing, clarity of instructions, and improvement of simulated patient performance. The OSCE proved to be an effective and formative pedagogical strategy in the supervised internship, aligning academic training with healthcare demands and contributing to the development of a critical, reflective, and humanized professional profile.

Keywords: Nursing; Nursing Education; Simulation Exercise; Clinical Competence.

1. Docente da Faculdade Morgana Potrich (FAMP), Brasil.

*Autor para Correspondência: samantha.moreira@fampfaculdade.com.br





INTRODUÇÃO

As metodologias de ensino e aprendizagem ativas representam abordagens pedagógicas inovadoras no campo da educação superior, centradas na participação efetiva dos estudantes no processo de construção do conhecimento. Em contraste com modelos tradicionais, baseados predominantemente na transmissão expositiva de conteúdo, as metodologias ativas buscam envolver o discente de forma mais profunda e significativa, favorecendo a aprendizagem autônoma, colaborativa e reflexiva¹. Diversos estudos indicam que estratégias ativas de ensino se associam a melhores desfechos de aprendizagem, maior engajamento estudantil e desenvolvimento de competências cognitivas e socioemocionais relevantes para a prática profissional¹.

No contexto do ensino superior em saúde, e em particular na enfermagem, o uso de metodologias ativas é especialmente pertinente, uma vez que a formação do enfermeiro demanda não apenas aquisição de conhecimentos teóricos, mas também o desenvolvimento de habilidades clínicas, tomada de decisão, raciocínio crítico, comunicação e atitudes éticas. O aprendizado ativo, nesse cenário, configura-se como um novo paradigma, que promove ambientes educacionais colaborativos, dinâmicos e motivadores, capazes de responder aos desafios das instituições de ensino contemporâneas e às exigências dos sistemas de saúde². Estratégias como discussões em grupo, estudos de caso, aprendizagem baseada em problemas (ABP), simulação clínica e projetos práticos são exemplos recorrentes, estimulando o discente a aplicar conhecimentos de forma contextualizada, prática e reflexiva².

A implementação de metodologias ativas requer, contudo, uma mudança substancial na postura docente. Ao invés de atuar como mero transmissor de conteúdo, o professor assume o papel de mediador e facilitador da aprendizagem, compartilhando com os estudantes a corresponsabilidade pelo processo formativo. Nessa perspectiva, a educação é entendida como um processo interativo e dialógico, em que o conhecimento é construído de forma colaborativa. Evidências na literatura mostram que esse reposicionamento docente favorece o desenvolvimento de habilidades críticas, analíticas e de autoavaliação, além de contribuir para o aumento da motivação e da autonomia discente, preparando-os de modo mais consistente para os desafios do mundo do trabalho em saúde.

Entre as diversas metodologias ativas incorporadas ao ensino de enfermagem nas últimas décadas, destaca-se o Exame Clínico Objetivo Estruturado (*Objective Structured Clinical Examination* – OSCE). O OSCE é um método de avaliação prática que busca mensurar, de forma padronizada e objetiva, competências clínicas em múltiplas dimensões, incluindo habilidades técnicas, tomada de decisão, raciocínio clínico, comunicação, profissionalismo e atitudes éticas³. A

literatura especializada aponta o OSCE como uma estratégia eficaz para promover aprendizagem significativa, integração teoria-prática e desenvolvimento de habilidades essenciais para o exercício profissional, especialmente quando associado à simulação realística e ao feedback estruturado e imediato³.

Considerando a crescente adoção do OSCE em cursos de graduação em enfermagem no cenário internacional e nacional, torna-se relevante relatar experiências institucionais que ilustrem potencialidades, desafios e lições aprendidas em sua implementação³. Nesse sentido, este estudo tem por objetivo relatar a experiência de utilização do Exame Clínico Objetivo Estruturado (OSCE) como metodologia ativa de ensino-aprendizagem e avaliação em uma disciplina de Estágio Supervisionado em Enfermagem em uma instituição privada do Sudeste Goiano, discutindo a percepção dos discentes, as contribuições para o processo formativo e aspectos a serem aprimorados.

MATERIAIS E MÉTODOS

Tipo de estudo

Trata-se de um relato de experiência de caráter descritivo, ancorado na vivência de docentes e discentes de graduação em Enfermagem durante a implementação do Exame Clínico Objetivo Estruturado (OSCE) como metodologia ativa de ensino-aprendizagem e avaliação em disciplina de Estágio Supervisionado.

Contexto e cenário

A experiência ocorreu em uma faculdade privada localizada na região Sudeste do estado de Goiás, Brasil, no âmbito da disciplina de Estágio Supervisionado em Assistência de Enfermagem. Participaram discentes regularmente matriculados no nono e décimo período do Curso de Graduação em Enfermagem, em fase de conclusão da formação.

O OSCE foi desenvolvido em um ambulatório de simulação realística, estrutura vinculada ao curso de Enfermagem, equipado com manequins, equipamentos, materiais e ambientes que reproduzem, de forma fiel, situações de prática clínica em diferentes níveis de complexidade.

Descrição do OSCE e etapas de implementação

O OSCE, originalmente proposto em 1975 pela Universidade de Dundee, no Reino Unido, tem como finalidade avaliar, de maneira estruturada, competências clínicas em múltiplos domínios: habilidades técnicas, conhecimentos, atitudes, comunicação e profissionalismo. Na instituição em estudo, o OSCE foi incorporado ao currículo a partir de 2022 como estratégia integradora entre teoria e prática, com ênfase em cenários simulados de alta e média fidelidade.



O processo de organização do OSCE seguiu etapas típicas descritas na literatura, adaptadas à realidade institucional⁴:

1. Planejamento e preparação

- Definição de objetivos educacionais e de avaliação: foram estabelecidas, pelo corpo docente, as competências clínicas a serem avaliadas em consonância com os objetivos da disciplina e com o perfil do egresso do curso. Foram contempladas competências técnicas (p.ex., realização de procedimentos de enfermagem), raciocínio clínico, segurança do paciente, comunicação e postura ética.
- Desenvolvimento das estações: foram elaborados cenários clínicos simulados, representando situações comuns na prática assistencial do enfermeiro (por exemplo, atendimento em unidade básica de saúde, manejo de sinais vitais alterados, administração de medicamentos, acolhimento e comunicação com paciente e família). Cada estação foi construída com roteiro detalhado, objetivos específicos, lista de materiais e *checklist* de avaliação padronizado.
- Treinamento de avaliadores e equipe de apoio: docentes de enfermagem responsáveis pela disciplina, bem como outros professores convidados, foram capacitados para atuarem como avaliadores, com ênfase no uso consistente de *checklists*, critérios de julgamento e estratégias de *feedback* formativo.

2. Configuração das estações

- Estruturação física: as estações foram distribuídas em diferentes salas ou áreas do ambulatório de simulação, cada uma representando um cenário clínico específico, com ambientação compatível com o contexto proposto (por exemplo, consultório, leito hospitalar, sala de procedimentos).
- Organização de materiais e recursos: garantiu-se a disponibilidade de todos os insumos necessários à realização dos procedimentos, incluindo equipamentos, instrumentais, formulários, roteiros clínicos, manequins e, quando aplicável, pacientes simulados (atores ou estudantes treinados para o papel).

3. Execução do exame

- Rotação dos estudantes: os discentes foram alocados em grupos, com distribuição para as diversas estações em regime de rodízio. Cada estudante

dispôs de tempo previamente estabelecido para executar as tarefas propostas em cada estação.

- Avaliação em tempo real: durante a permanência do estudante na estação, o desempenho foi observado por um avaliador, que utilizou *checklists* estruturados para registrar a execução de habilidades específicas, qualidade da comunicação, adequação da tomada de decisão e postura profissional.

4. Feedback e avaliação formativa

- Feedback* imediato: ao término de cada estação ou ao final do circuito, dependendo da organização logística, os estudantes receberam *feedback* individualizado e/ou em pequenos grupos, com foco em pontos fortes, aspectos a melhorar e recomendações para aprimoramento de competências.
- Análise dos resultados: os docentes analisaram os registros dos *checklists* e as anotações qualitativas, identificando padrões de desempenho, lacunas recorrentes e necessidades de reforço de conteúdos nos componentes curriculares associados.

5. Reflexão e melhoria contínua

- Coleta de percepções: foram coletadas percepções dos discentes e docentes sobre o processo, especialmente por meio de comentários orais espontâneos e respostas discursivas em instrumentos institucionais de avaliação, abordando realismo dos cenários, tempo de estação, clareza dos comandos, número de itens dos *checklists* e interação com pacientes simulados.
- Ajustes pedagógicos: com base nos resultados e *feedbacks*, o grupo docente identificou possibilidades de revisão de estações, aperfeiçoamento de roteiros, aprimoramento do treinamento de avaliadores e de pacientes simulados, bem como eventuais ajustes de infraestrutura.

6. Aspectos Éticos

Como se trata de relato de experiência de atividade inserida na rotina pedagógica do curso, sem identificação nominal de participantes e sem coleta sistemática de dados pessoais sensíveis, o estudo foi conduzido respeitando os princípios éticos aplicáveis à pesquisa em educação e saúde.



RESULTADOS

A experiência de implementação do OSCE na disciplina de Estágio Supervisionado em Enfermagem⁵ permitiu observar contribuições relevantes tanto para os discentes quanto para o corpo docente e para o processo formativo como um todo.

Desempenho e engajamento discente

Ao longo do exame, os estudantes foram submetidos a múltiplas estações práticas, cada uma simulando situações que exigiam a mobilização integrada de competências técnicas, cognitivas e atitudinais. De modo geral, observou-se que os discentes conseguiram executar as tarefas propostas, demonstrando domínio satisfatório de procedimentos básicos e capacidade de articular conhecimentos teóricos às situações simuladas. A vivência promoveu o exercício do raciocínio clínico, da comunicação terapêutica e da tomada de decisão em cenários que reproduziam a complexidade da prática profissional.

Os relatos espontâneos dos estudantes indicaram que a participação no OSCE contribuiu para o fortalecimento da autoconfiança no desempenho de habilidades clínicas, bem como para a consolidação do aprendizado adquirido ao longo do curso⁶. Muitos discentes destacaram que a experiência os ajudou a reconhecer lacunas individuais, incentivando a busca ativa por revisão de conteúdos e o aprimoramento contínuo⁷.

Percepção de relevância e realismo

Do ponto de vista dos participantes, o OSCE foi percebido como uma ferramenta valiosa para avaliação e treinamento de competências clínicas, especialmente pela combinação entre cenários realísticos e *feedback* imediato⁶. Resultados semelhantes são relatados em estudos internacionais, nos quais a maioria dos estudantes de enfermagem reconhece o OSCE como um método que reflete situações relevantes da prática diária, reforçando seu potencial para a preparação para o exercício profissional.

Embora a maioria dos discentes tenha avaliado positivamente o acolhimento e a organização geral do exame, a experiência também evidenciou pontos de atenção, particularmente relacionados ao estresse e à ansiedade durante a realização das estações. Alguns estudantes relataram nervosismo intenso, o que pode ter influenciado o desempenho e a percepção da experiência avaliativa.

Contribuições para o corpo docente e para o currículo

Para os docentes envolvidos, o OSCE configurou-se como um instrumento potente de avaliação das competências desenvolvidas ao longo do curso, permitindo uma visualização mais concreta e integrada do desempenho dos estudantes em situações práticas. A análise dos resultados das

estações e dos *checklists* possibilitou identificar lacunas curriculares, conteúdos que necessitavam de reforço e aspectos do processo de ensino que poderiam ser aprimorados.

As sugestões apresentadas pelos discentes, especialmente em respostas discursivas e momentos de devolutiva, apontaram para a necessidade de ajustes em aspectos específicos do exame, tais como:

- Adequação do tempo destinado às estações;
- Aprimoramento da clareza dos comandos e enunciados das tarefas;
- Revisão e eventual redução do número de itens nos *checklists*, visando torná-los mais objetivos e manejáveis;
- Fortalecimento da interação com pacientes simulados, de modo a aumentar o realismo e a validade ecológica das situações.

Esses elementos reforçam o caráter do OSCE não apenas como ferramenta avaliativa, mas também como subsídio para a gestão e qualificação do currículo, orientando tomadas de decisão pedagógicas em nível de curso e de disciplina.

DISCUSSÃO

Os achados desta experiência sugerem que a utilização do OSCE, quando planejada e executada de forma sistemática, contribui de maneira significativa para o alcance dos objetivos educacionais no processo de formação em Enfermagem. A adequada organização do exame, a elaboração criteriosa das estações e o alinhamento com as competências previstas no projeto pedagógico do curso parecem ter sido fatores centrais para o resultado positivo identificado entre os estudantes.

Entretanto, a experiência também evidenciou que a preparação prévia dos discentes para o OSCE é um aspecto decisivo. A literatura aponta que a familiarização com o formato do exame, a explicação prévia de sua dinâmica e critérios de avaliação, bem como a oferta de atividades preparatórias (como simulações menores ou estações de treinamento), contribuem para reduzir ansiedade, tornar as expectativas mais claras e favorecer uma experiência mais formativa. Discentes que nunca tiveram contato com avaliações similares podem interpretar o exame de forma ameaçadora, o que impacta tanto o desempenho quanto a percepção da utilidade da atividade.

No cenário internacional, estudos com estudantes de enfermagem têm demonstrado que a maior parte dos participantes considera o OSCE um método pertinente para avaliar competências clínicas e apoiar a transição para a prática profissional, em especial quando as estações abordam situações comuns e relevantes da prática diária do enfermeiro⁸.



A experiência aqui relatada converge com esses achados, na medida em que os discentes reconheceram a pertinência dos cenários simulados e sua relação com a realidade de atuação nos serviços de saúde.

Por outro lado, o nervosismo e a ansiedade observados, entre os estudantes durante o OSCE constituem um desafio recorrente descrito na literatura. Embora algum grau de tensão possa ser inerente a qualquer processo avaliativo de alta relevância, níveis elevados de estresse podem prejudicar o desempenho e limitar o potencial formativo da experiência. Estratégias recomendadas para mitigar esses efeitos incluem: explicação prévia do formato e critérios de avaliação; realização de sessões de familiarização com o ambiente de simulação; incentivo à prática reflexiva; e uso de devolutivas construtivas em pequenos grupos, favorecendo o compartilhamento de experiências e o apoio entre pares.

Outro aspecto amplamente destacado em pesquisas sobre simulação clínica e OSCE é a centralidade do *feedback* estruturado e imediato para a consolidação da aprendizagem. Evidências internacionais indicam que o *feedback* pós-estação, quando objetivo, específico e orientado para o aprimoramento, é um dos elementos que mais contribui para o reconhecimento de lacunas, a correção de erros e a internalização de boas práticas⁸. Na experiência relatada, o *feedback* individualizado e em pequenos grupos foi percebido como um dos pontos fortes do processo, reforçando o caráter formativo do OSCE.

Em termos institucionais, a implementação do OSCE demonstrou potencial não apenas para avaliar o desempenho individual, mas também para aprimorar o processo formativo e a gestão curricular. Ao permitir a análise sistemática dos resultados e das dificuldades mais frequentes, o exame auxilia na identificação de áreas críticas, orientando ajustes pedagógicos e reforços de conteúdo, práticas e competências. Esse duplo papel — avaliativo e formativo — dialoga com concepções contemporâneas de avaliação mediadora, que entendem o ato de avaliar como parte integrante do processo de aprendizagem, e não apenas como etapa final de certificação.

Apesar dos avanços, algumas fragilidades foram identificadas. A baixa interação com pacientes simulados em determinadas estações foi percebida como um limite à autenticidade de algumas situações. A literatura recomenda investimento no treinamento específico de atores ou pacientes simulados, tanto para representar, com maiorrealismo, condições clínicas e emocionais dos pacientes quanto para oferecer *feedback* estruturado sobre a comunicação e a postura do estudante⁹. Esse aprimoramento tende a aumentar a fidelidade do cenário, a complexidade das relações interpessoais treinadas e a validade da avaliação de competências relacionais.

As sugestões de revisão do tempo de estações, da clareza dos comandos e da extensão dos *checklists* também estão em consonância com achados de outros estudos, que apontam a necessidade de constante calibragem do OSCE para manter o equilíbrio entre abrangência da avaliação, viabilidade logística e carga emocional imposta aos discentes¹⁰. Ajustes sucessivos, baseados em análises de resultados e no *feedback* de estudantes e docentes, são fundamentais para garantir a sustentabilidade e a qualidade da metodologia.

Por fim, a consolidação do OSCE como metodologia ativa integrada ao currículo de Enfermagem demanda comprometimento institucional de longo prazo, incluindo¹¹:

- Investimento em infraestrutura física e tecnológica para simulação;
- Política permanente de formação pedagógica do corpo docente;
- Valorização da avaliação formativa e da cultura de *feedback*;
- Planejamento curricular que preveja a articulação entre conteúdos teóricos, práticas supervisionadas e simulações clínicas estruturadas.

Portanto, a experiência relatada evidencia o potencial do OSCE como ferramenta integradora de ensino, aprendizagem e avaliação, capaz de favorecer a contextualização do conhecimento e o desenvolvimento de competências clínicas complexas. Ao mesmo tempo, ressalta a necessidade de ajustes contínuos e de suporte institucional para garantir coerência pedagógica, justiça avaliativa e impacto positivo na formação do enfermeiro.

CONCLUSÃO

O relatado de experiência evidenciou que a utilização do Exame Clínico Objetivo Estruturado (OSCE) como metodologia ativa de ensino e avaliação no curso de Enfermagem se configura como uma estratégia pedagógica eficaz para o desenvolvimento de competências clínicas, cognitivas e atitudinais dos discentes. Sua aplicação proporcionou um ambiente de aprendizagem dinâmico e mais realístico, no qual os estudantes puderam articular conhecimentos teóricos e práticos, exercitando o raciocínio clínico, a comunicação profissional e a tomada de decisão fundamentada. A percepção sobre as habilidades de comunicação clínica e profissionalismo é mais favorável nas avaliações práticas, sejam simuladas ou reais, em comparação às que se concentram no conhecimento teórico.

Observou-se que o OSCE ultrapassa sua função avaliativa tradicional, tornando-se uma ferramenta formativa capaz de promover a reflexão crítica e o aprimoramento contínuo, sobretudo quando associado a feedbacks imediatos e individualizados.



Tal característica reforça o princípio das metodologias ativas de colocar o estudante no centro do processo educativo, estimulando autonomia, corresponsabilidade e engajamento com o próprio aprendizado.

Entretanto, a efetividade da metodologia requer planejamento cuidadoso, capacitação dos docentes avaliadores, familiarização prévia dos discentes com o formato do exame e constante aperfeiçoamento das estações simuladas. Aspectos como o realismo dos cenários, o tempo disponível para execução e a padronização dos critérios avaliativos devem ser continuamente revisados, de modo a garantir equidade e fidedignidade ao processo. O estudo demonstrou que, mesmo com um número limitado de estações e docentes é possível determinar a confiabilidade identificando áreas que precisam de melhorias. Portanto, é fundamental avaliar a qualidade das estações e seus *checklists*, além de investir na capacitação intensiva dos avaliadores e dos pacientes simulados.

Conclui-se, portanto, que o OSCE contribuiu de maneira significativa para a consolidação de uma formação profissional crítica, reflexiva e humanizada em Enfermagem, alinhada às demandas contemporâneas da prática em saúde. A experiência relatada reafirma o potencial transformador das metodologias ativas, sobretudo quando aplicadas de forma integrada, planejada e centrada no desenvolvimento integral do estudante, configurando-se como uma potente estratégia para aproximar a formação acadêmica das reais exigências do cuidado clínico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MARQUES, H. R.; CAMPOS, A. C.; ANDRADE, D. M.; ZAMBALDE, A. L. Inovação no ensino: uma revisão sistemática das metodologias ativas de ensino-aprendizagem. *Avaliação* (Campinas), v. 26, n. 3, p. 718–741, set. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772021000300005>. Acesso em: 26 set. 2024.
2. DIESEL, A.; SANTOS BALDEZ, A. L.; NEUMANN MARTINS, S. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. *Revista Thema*, Pelotas, v. 14, n. 1, p. 268–288, 2017. DOI: 10.15536/thema.14.2017.268-288.404. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/404>. Acesso em: 26 set. 2024.
3. FONTANA, R. T.; WACHEKOWSKI, G.; BARBOSA, S. S. N. As metodologias usadas no ensino de enfermagem: com a palavra, os estudantes. *Educação e Pesquisa* (Educ Rev) [Internet], v. 36, e220371, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-4698220371>. Acesso em: 26 set. 2024.
4. NEVES, R. S.; BARROS, A. F.; ESPER, M. M. A.; BEZERRA, T. J. N. Avaliação do exame clínico objetivo estruturado (OSCE) por estudantes e docentes de graduação em enfermagem. *Comunicação Ciencias Saúde*, v. 27, n. 4, p. 309–316, 2016. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/periodicos/ccs_artigos/avaliacao_exame_estruturado.pdf. Acesso em: 26 set. 2024.
5. CENTRO DE ENSINO SUPERIOR MORGANA POTRICK. *Método de avaliação OSCE* do curso de Enfermagem. Mineiros: FAMP, 2022. 11 p.
6. GONÇALVES, P. C. N. Passo a passo na elaboração de OSCE (Objective Structured Clinical Examination) para comunicação de más notícias. Monografia (Especialização) — Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Saúde, Curso de Pós-Graduação em Ensino Médico, 2022.
7. SOBRAL, F. R.; CAMPOS, C. J. G. Utilização de metodologia ativa no ensino e assistência de enfermagem na produção nacional: revisão integrativa. *Revista Escola de Enfermagem da USP*, v. 46, n. 1, p. 208–218, fev. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342012000100028>. Acesso em: 26 set. 2024.
8. GUPTA, P.; DEWAN, P.; SINGH, T. Objective structured clinical examination (OSCE) revisited. *Indian Pediatrics*, v. 47, n. 11, p. 911–920, 2010.
9. KAIN, S.; et al. Melhorar as competências clínicas através do OSCE: um estudo sobre a confiança e competência dos estudantes de enfermagem. *Nurse Education Today* (ou Enfermeira Educ Hoje — título original não informado). 2021; 99:104756.
10. ROJAS, F.; et al. O impacto do OSCE na preparação dos estudantes de enfermagem para a prática clínica: um estudo de caso. *BMC Nursing (Enfermeiras BMC)* v. 19, p. 12, 2020.
11. LIAW, S. Y.; et al. O papel do OSCE na educação em enfermagem: uma revisão narrativa. *Journal of Nursing Education and Practice*, v. 8, n. 4, p. 45–51, 2018.